



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de inauguração do complexo da central de atendimento da
empresa Dedic GPTI**

Londrina-PR, 12 de março de 2010

Bem, meus amigos e amigas,
Companheiros e companheiras,
Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil
da Presidência da República,
Meu querido companheiro Paulo Bernardo, ministro do Planejamento,
Orçamento e Gestão,
Nosso querido companheiro senador da República Osmar Dias,
Companheiros deputados federais Alex Canziani, André Vargas, Ratinho
Junior, Odílio Balbinotti e Wilson Picler,
Meu caro companheiro... Olha o nome dele: Carlos Roberto Massa,
nosso querido Ratinho. O Ratinho...
Meu caro Homero Barbosa, prefeito de Londrina, por meio de quem
cumprimento os demais prefeitos da região,
Senhor Shakhaf Wine, presidente da Portugal Telecom do Brasil,
Senhor Fábio Pereira, vice-presidente do Conselho da Dedic GPTI e do
Grupo Portugal Telecom,
Meu caro Paulo Neto Leite, presidente da Dedic GPTI e do Grupo
Portugal Telecom,
Meu caro Roberto Luiz Bachmann, superintendente da Caixa Econômica
Federal,
Meu caro João Henrique Schmidt, diretor de Políticas Regionais do
Sindicato dos Telefônicos do Paraná,
Nossa querida companheira Sirlena Fratoni Ronchi, representante dos



trabalhadores da empresa.

Ô, Sirlena, eu vou dedicar um pouco as minhas breves palavras, aqui, a você. Primeiro, porque eu acho que o Brasil precisa, sempre que possível, ouvir os bons exemplos de coisas que acontecem no nosso país.

Alguém poderia perguntar para mim: “Por que o Presidente da República sai de Brasília e vem a Londrina inaugurar um *call center*? Será que o Presidente não tem coisa mais importante para fazer lá em Brasília?” Certamente não. Porque não tem nada mais importante para um presidente da República saber e fazer do que olhar na cara de homens e mulheres deste país, moças e jovens e ver a alegria das pessoas que estão vencendo na vida. Não tem nada mais extraordinário. E a sua história, a história do seu marido, a dedicação, as tentativas, as dificuldades, os quase fracassos e a vitória são coisas que precisam ser contadas todo santo dia.

No Brasil, e acho que no mundo, nós temos uma cultura um pouco complicada porque, normalmente, alguns setores dos meios de comunicação no Brasil costumam divulgar desgraças o dia inteiro. Ora, não é que não tenha que divulgar, se elas existem, precisam ser contadas. Agora, o que eu acho, às vezes, triste é que milhões de coisas boas que acontecem não aparecem em lugar nenhum.

Esses dias, um diretor de uma grande empresa de comunicação, Ratinho, me disse o seguinte: “Inauguração de obra não é novidade, não é notícia”, da mesma forma que gerar mil empregos não é notícia. Mas se uma jovem, aqui em Londrina, tivesse cometido um delito, seria notícia nacional. Como se isso fosse uma coisa que envolvesse a maioria das pessoas.

As pessoas más são minorias. A maioria dos brasileiros e das brasileiras são homens e mulheres adultos, mulheres e homens que querem estudar, que querem trabalhar, que querem ter acesso à cultura, que querem viver



dignamente, que querem constituir e construir sua família. Mas, às vezes, às vezes a gente vê tanta coisa ruim, que dá a impressão de que é tudo ruim.

Então, eu venho aqui por isso, para mostrar o outro lado da moeda, para mostrar o lado do Brasil que funciona, o lado do Brasil que desperta, em uma multinacional como a Portugal Telecom, o prazer de fazer investimento em um país como o Brasil e em uma cidade extraordinária como Londrina.

Londrina não é uma cidade qualquer. Certamente, ela pode ter ficado empobrecida por momentos de dificuldade econômica do País – porque, afinal de contas, passamos vinte anos sem crescer –, mas Londrina é uma cidade vigorosa, é uma cidade extremamente importante. Qualquer cidadão do Planeta que passar perto de Londrina sabe que é uma cidade extraordinária. E mais: o representante da Portugal Telecom já disse que foi aqui que eles conseguiram encontrar uma mão de obra altamente qualificada e um pessoal altamente motivado.

Uma coisa, meus queridos companheiros, que as empresas multinacionais têm descoberto no Brasil – e eu já ouvi isso de dezenas de presidentes de grandes empresas multinacionais no Brasil: eles já chegaram à conclusão de que não existe lugar nenhum do mundo de um povo que tenha a versatilidade, a criatividade e a facilidade de aprender que tem o povo brasileiro. Isso é dito pelos principais executivos da indústria automobilística brasileira, em todos os estados da federação. Isso é dito por grandes empresas de alta tecnologia, de que no Brasil, em um curso com menos horas, os trabalhadores brasileiros e as trabalhadoras aprendem a executar um serviço que, muitas vezes, em outros países se demora muito.

Possivelmente, a nossa versatilidade, o nosso molejo para aprender as coisas se deve ao surgimento do povo brasileiro. Essa mistura de europeu, índio e africano é que permitiu que a gente tivesse um pouco mais de cintura do que a maioria dos outros habitantes do planeta que moram em lugares frios, seis meses por ano totalmente no escuro, sabe? Um frio desgramado, o sol



não aparece. Tem lugar que tem sol à meia noite. Não sei se vocês já foram na Europa, mas tem lugar que seis meses por ano é cinza. É como se você levantasse todo dia e tivesse pronto para chover, além do frio. Aqui no Brasil nós não temos esse problema. Por isso que a nossa cara é mais alegre, por isso que nós somos mais animados, e por isso que nós temos mais facilidade de aprender.

Então, minha querida companheira Sirlena, o teu depoimento aqui é o depoimento de que este país, o que faltou, durante muito tempo, foi oportunidade, foi compreender que não existe ninguém burro, de que não existe ninguém incompetente. O que o ser humano precisa é apenas que alguém lhe estenda a mão e diga: “Vamos subir os degraus da escada que a vida lhe oferece”.

Veja a história desse matuto aqui. Esse matuto aqui, ele, um dia, me contou uma história que a mulher dele fazia aniversário e ele foi na padaria comprar um pedaço de bolo e não tinha dinheiro para pagar. E ele foi pedir para que os caras vendessem fiado para ele pagar no dia seguinte, afinal de contas era o dia do aniversário da mulher dele. O cara não vendeu, ele foi lá, se armou, pegou o bolo e levou para dar para a mulher. Obviamente que hoje não precisamos mais fazer isso. Hoje, a Caixa Econômica dá crédito, o Banco do Brasil, para você comprar o seu pedaço de bolo. Mas eu fico, eu fico entusiasmado como é que um homem como esse consegue vencer na vida, consegue subir. E muita gente fala: “Teve sorte, teve sorte, o Ratinho teve sorte”. Na verdade, não é apenas sorte. Todos nós precisamos de sorte. É que tem gente que não fica deitado uma hora a mais, esperando ver se a sorte bate na porta da sua casa. Tem gente que fica esperando, e nunca tem sorte. E tem gente que levanta duas horas antes e sai para a rua à procura da sorte, à procura das oportunidades. É isso que faz as coisas acontecerem.

Vamos ver o meu caso, vamos ver o meu caso. Estava pensando na sociologia brasileira – os cientistas políticos aqui, os grandes estudiosos –



estava pensado nas ciências, na sociologia brasileira; um pernambucano de Caetés, sem diploma universitário, com um único diploma de torneiro mecânico, chegar à Presidência da República? Criar um partido político? Criar uma Central? Não estava escrito. Isso só aconteceu, gente, porque um dia eu tive a oportunidade de aprender uma profissão, por essa profissão eu tive a oportunidade de entrar em uma grande fábrica. Por ter entrado em uma grande fábrica eu fui convidado para ir para o sindicato. E foi no sindicato que a minha cabeça política se abriu e eu então comecei a perceber que nós precisaríamos criar instrumentos institucionais e políticos que pudessem fazer valer a vontade da maioria do povo brasileiro.

Isso me permitiu fazer com que, em apenas 20 anos, a gente criasse um partido político e chegasse à Presidência da República. Porque o Brasil já elegeu advogados, professores, fazendeiros, mas nunca tinha sido eleito alguém que conhecesse o mundo da fábrica, alguém que tivesse amassado barro na periferia deste país, alguém que tivesse acordado meia-noite com enchente batendo nas suas portas. Ou seja, o acúmulo do aprendizado que eu tive me garantiu, chegando à Presidência da República, começar a olhar para um lado que até então não era olhado. Porque essa parte da sociedade não tinha nem direito, Sirlena, de ir a Brasília fazer protesto. Quem vai fazer protesto em Brasília são as categorias organizadas, são as categorias organizadas. São policiais, são juízes, são... uma parte da elite das pessoas neste país. O povão, mesmo, não tem condições. Como é que pode, uma moça dessa sair daqui e ir para Brasília fazer um protesto? Ela vai perder três dias, quando ela voltar, está mandada embora do emprego. Ela não vai. Agora, tem um tipo de gente que vai, que vai, vive em Brasília fazendo protesto, vive em Brasília fazendo protesto. Mas a maioria do povo não vai.

Então, é para essa gente que eu resolvi dedicar parte do nosso governo. Eu sei que a gente tem que governar para todos, eu não faço discriminação com ninguém. Aliás, os empresários sabem que poucas vezes ganharam tanto



dinheiro como ganham no meu governo. As empresas multinacionais, que antes tinham medo de vir para o Brasil, sabem que hoje este país é um país mais seguro do que muitos países ricos do mundo, sabem disso. E essa conquista não é minha. Essa conquista é um pouco de cada um de vocês, embora vocês não saibam, porque vocês tiveram paciência no momento em que a gente estava construindo essa oportunidade para o nosso Brasil.

Ora, quando nós – e é importante contar para os empresários aqui – quando nós decidimos criar um programa chamado Bolsa Família... O que é o Bolsa Família? O Bolsa Família é a gente garantir às pessoas que não tem condições de comer as proteínas e as calorias diárias necessárias à sobrevivência humana o direito das pessoas comerem o mínimo possível. Nós sofremos uma verdadeira guerra de pessoas dizendo que nós estávamos dando esmola, que o Bolsa Família era um jeito de a gente fazer com que o povo brasileiro virasse vagabundo, não quisesse mais trabalhar... Vocês acompanharam isso, a quantidade de preconceito.

Quando foi um dia, eu vi na televisão uma mulher dizendo: “Antes do Bolsa Família...” “Eu tenho duas netas” – ela dizia – “Antes do Bolsa Família, eu comprava um lápis e cortava no meio, para dar metade do lápis para cada neta minha estudar. Hoje, eu posso comprar uma caixa de lápis para cada uma das minhas netas”. Eu achei: só isso, já valia a pena ter criado o Programa. Mas aí eu comecei a receber crítica: “O Bolsa Família não está sendo utilizado para comida, estão comprando lápis, estão comprando chinelo, tem gente colocando dentadura com o dinheiro do Bolsa Família”. E eu começava a pensar: quanta gente má que tem neste país! Gente que joga fora comida que daria para sustentar 50 famílias do Bolsa Família. E essas pessoas estão incomodadas que a gente pegue um pedacinho de dinheiro do orçamento e a gente transfira para as pessoas que não tiveram oportunidade. Ninguém recebe o Bolsa Família por orgulho. Vocês sabem disso. A coisa que dá orgulho para a gente é a gente receber o nosso ganha-pão do nosso trabalho.



Ninguém quer viver de favor, ninguém. Mas, enquanto a gente não conseguir consertar, nós temos que fazer.

Eu não sei se vocês aqui de Londrina têm consciência de que neste país tinha mais de 13 milhões de brasileiros que não tinham energia elétrica, que viviam à base do candeeiro. Não era um candeeiro moderno, era uma lata de refrigerante que eu não posso falar a marca aqui, com um pavio cheio de querosene, onde as crianças não conseguiam sequer enxergar a página do caderno para escrever. E nós tivemos que fazer um investimento de R\$ 14 bilhões, R\$ 14 bilhões para fazer com que a energia chegasse no mais longínquo lugar deste país. Porque nós entendíamos que uma pessoa que mora no meio do mato, criando a sua família, tem o mesmo direito de ter um bico de luz que tem o prefeito de Londrina, que tem o presidente da República, que tem o empresário mais rico deste país. Afinal de contas, nós temos que garantir às pessoas o direito à cidadania. E outro dia, também, nós vimos na televisão uma mulher dizendo: “Eu nunca tinha visto o meu filho dormindo à noite, porque não conseguia enxergá-lo”.

Quando você acende a luz, você transforma, você consegue fazer a pessoa sair do século XVIII e chegar no século XXI em um passe de magia. E só fizemos isso porque o Estado brasileiro teve a coragem de assumir o pagamento. Porque, muitas vezes, as empresas privadas não podem fazer porque é deficitário, não dá lucro, e apenas o Estado é capaz de fazer isso.

Essas coisas mudaram a cara do Brasil. É por isso que as últimas pesquisas demonstram que o Norte e o Nordeste do País, a classe D e E, a classe mais pobre, é a classe que mais consumiu nos últimos meses, porque o pobre teve acesso a shopping, a supermercado, as pessoas começaram a comer aquilo que até então era distante deles. E isso é extraordinário para a classe média, isso é extraordinário para o rico, porque quanto mais o brasileiro puder comprar, puder consumir, mais dinheiro vai circular, mais comércio vai ter, mais as empresas vão produzir, mais emprego e mais salário para todo



mundo. É isso que nós queremos.

Então, quando eu vejo vocês tão jovens, aqui, trabalhando, eu fico imaginando: outro tempo atrás nós passamos 25 anos sem a economia brasileira crescer. E muitos jovens, que a gente vê, hoje, na televisão, meninos de 25 anos ou 30 anos sendo presos, bandidos, é resultado de políticas econômicas irresponsáveis que não permitiram que este país crescesse. E enquanto os governantes que fizeram a política estão soltos, a meninada inocente, que é vítima, está presa, está condenada, porque não tiveram oportunidades. Um país que não gera emprego, um país que não investe na educação, um país que não dá oportunidade, vai esperar o que da sua juventude?

Então, o meu orgulho de vir aqui, Sirlena, é saber que vocês estão tendo a oportunidade que alguns irmãos de vocês não tiveram há 15 ou há 20 anos atrás, porque nós tivemos uma geração e meia que praticamente ficou sem poder trabalhar. E o que me dá orgulho, Ratinho, o que me dá orgulho é que, embora eu seja o Presidente da República, é o primeiro da história do Brasil que não tem diploma universitário e não faço apologia disso, não, porque eu quero que todo mundo estude, que tenha mais de um curso, até porque é isso que vai fazer este país crescer e se transformar em uma grande nação. Mas veja, por coincidência, é exatamente o único que não teve diploma universitário que passa para a história como o presidente que mais investiu em universidade neste país e mais investiu em escolas técnicas profissionais. São 14 universidades novas, são 105 extensões universitárias. Em 100 anos a elite brasileira fez 140 escolas técnicas, em oito anos nós vamos fazer mais 214 escolas técnicas. Porque eu sei o que significa uma profissão para uma menina e para um menino, eu sei o que é alguém sair de casa para procurar emprego sem profissão, e alguém sair com uma profissão. Eu sei o que significa um salário no final do mês. Mas, sobretudo, eu sei o significado da conquista de um emprego com um salário bom pelas mulheres.



Eu digo sempre: um homem, quando ele tem uma profissão, ele é mais cidadão, ele pode assumir compromisso, ele pode programar a sua vida, ele pode programar comprar a sua casa, o seu apartamento, ele pode programar quando é que vai ter filhos, ele pode programar vários passos da sua vida. Quando ele não tem profissão, ele está sempre no mundo da incerteza. Primeiro, porque sabe que sempre vai ganhar menos; segundo, porque sabe que não vai ter nunca estabilidade no emprego; terceiro, porque ele não pode programar, porque ele não sabe o dia de amanhã.

E, para uma mulher, é duplamente importante estudar. Se a mulher for esperta, como a Dilma disse que é, e como eu sei que vocês são, vocês nunca deveriam parar de estudar. Porque a mulher, além da questão do salário, além de ganhar igual ao homem... Porque, também, nós nivelamos tudo por baixo: “Ah, mulher tem que ganhar igual ao homem”. Se ela for mais competente, ela tem que ganhar mais. Se ela não for, ela vai ganhar menos. Ela tem que ganhar pela competência, por isso que tem que estudar muito.

E, além de ganhar o salário, de ter sua vida própria, Ratinho, a mulher tem uma coisa sagrada, que é a independência. Muitas mulheres no Brasil vivem com os seus maridos lhe perturbando porque ele leva a comida para dentro de casa. E uma mulher não pode viver com um homem a troco de um prato de feijão, ela tem que viver porque ela gosta dele. E ela tem que ter um emprego e um salário – se possível, melhor que o dele –, para que, quando ele falar grosso, ela falar: “Ó, aqui não. Aqui não, Lulinha, baixa a voz aí, baixa a voz!”

Esse mundo está para ser criado neste país. Vocês são testemunhas da evolução do Brasil. Vocês são testemunhas da respeitabilidade que o Brasil conquistou no mundo. Vocês são testemunhas de que, quando a gente fala que este país vai ser a quinta economia, em 2016. Vocês são muito jovens, vamos esperar. E este país vai realizar a Copa do Mundo em 2014, este país vai fazer as Olimpíadas em 2016. Olimpíada era um evento esportivo apenas



para ser feito nos países ricos. Nós fomos lá, para trazer para o Brasil, para provar que o Brasil tem competência. E, certamente, vai gerar muito emprego, vai gerar muito mais meninas e meninos profissionais competentes, bem formados. Porque o Brasil não quer ser exportador de soja, de álcool ou de cana, ou de minério de ferro, nós queremos exportar isso também, mas nós queremos é exportar inteligência, conhecimento, e isso a gente aprende na escola, isso a gente aprende estudando muito.

E, portanto, a minha gratidão e o meu reconhecimento com os companheiros que resolveram fazer esse complexo aqui, da Dedic. O meu reconhecimento porque isso aqui poderia ter sido feito no centro de Londrina, seria mais cômodo. E os parceiros que ajudaram a construir resolveram investir na periferia de Londrina. Porque essa gente que está aqui, morando na periferia, são iguais a nós, têm a mesma alma, o mesmo coração e a mesma vontade. Se a gente deixá-los sempre sendo tratados como pessoas de segunda classe, o resultado a gente sabe qual é: são os filhos na cadeia, são crianças na droga. Na hora em que a gente aponta para eles a perspectiva de uma chance, de uma oportunidade, como a que eu tive, como a que vocês estão tendo, essas pessoas renascem novamente, começam a acreditar no País, começam a acreditar na cidade, começam a acreditar no poder público, e essas pessoas começam, então, a transformar este país.

Portanto, meus companheiros da Brasil [Portugal] Telecom, meu reconhecimento pelo investimento que vocês estão fazendo neste país. E continuem a acreditar no Brasil, porque a perspectiva de você ganhar dinheiro no Brasil é muito maior do que ganhar em Portugal ou em qualquer outro país europeu. É muito maior. Vocês, vocês já sabem disso, portanto, agora, não podem jogar mais pequeno, vocês precisam, agora, trabalharem para serem grandes e cada vez maiores, porque o crescimento deste país e a nossa ambição de crescimento não tem limite.

Nós cansamos, cansamos de passar um século sendo tratados como se



fossemos país de segunda categoria. Nós éramos tratados como se fossemos alguém inferior. E nós resolvemos virar o jogo. Já não é mais o FMI que vem aqui dar palpite porque a gente deve, nós agora é que emprestamos dinheiro para eles. Eles, agora, é que devem para nós. Porque essa gente é boa de coração, mas essa gente tem orgulho. E essa gente respeita, porque quer ser respeitada. E antigamente o Brasil não se respeitava.

Por isso eu quero dizer da minha alegria, meninas e meninos da Dedic. Ver o sorriso de vocês, ver o prefeito dizer do programa Minha Casa, Minha Vida, aqui em Londrina... Se preparem, porque antes a gente fazia 200 mil casas, aprendemos a fazer um milhão e daqui para frente vai ser mais. Se preparem. Você tem construtora? Pode se preparar para construir casa pequena, casa para o povo, porque nós aprendemos a resolver os problemas deste país.

Então eu quero ser grato a cada um de vocês, porque se não fosse a compreensão de vocês, certamente tudo seria mais difícil. E eu acho, que este país não pode abdicar do século XXI se transformar no século do Brasil. O século XIX foi da Europa, o século XX foi dos Estados Unidos e o século XXI tem que ser do Brasil, da China, da Índia e dos países pobre.

Um abraço e até outro dia, se Deus quiser.

(\$211A)